

Família Missionária Verbum Dei

Caderno de Oração Advento/Natal 2018

Deixa-te guiar



«Deixa-te guiar pelo Espírito»

Rm 8, 14

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Joana Galvão Teles

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

“Deixa-te guiar pelo Espírito”

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Advento
8	2 Dezembro - Domingo I do Advento
14	8 Dezembro - Imaculada Conceição
18	9 Dezembro - Domingo II do Advento
22	16 Dezembro - Domingo III do Advento
26	23 Dezembro - Domingo IV do Advento
	PARTE II Natal
30	25 Dezembro - Natal
34	30 Dezembro - Sagrada Família
38	1 Janeiro - Santa Maria Mãe de Deus
43	6 Janeiro - Epifania
47	13 Janeiro - Batismo do Senhor
	PARTE III
54	Introdução
56	Mensagem de Sua Santidade o Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões de 2018
61	Discurso do Papa Francisco na Abertura do Sínodo dos Bispos
68	Tema de Jaime Bonet - A projeção da nossa fé
71	Poema-Oração de Jaime Bonet
72	Próximas atividades da FaMVDei Lisboa

Deixa-te guiar

Deixar-me guiar? Francamente, não me parece nada fácil, inclusivamente diria que vai muito ao arrepio dos critérios atuais, nos quais, a todo o momento, nos dizem: “Tu és a protagonista da tua vida”, “não deixes que ninguém te diga o que tens de fazer”, “traça o teu próprio caminho” “sonha o que queiras para ti”, “és a dona e senhora da tua vida”, “não deixes que ninguém mande em ti”. Quer dizer, não deixes que nada nem ninguém te desafie a fazer nada que não sejas tu a decidir...

Tenho pena de dizer-lhes que, na realidade, encantar-me-ia que me guiassem, é mais cómodo, permite pensar menos nas escolhas de caminho, de opções, de objetivos, de metas...

Discernir é complicado, sinto vertigens... E se me engano? Nem sempre tenho critério suficiente, nem informação bastante, sinto-me muito insegura e indecisa e, para ser sincera, às vezes, deixo coisas por fazer, face à incerteza e à falta de coragem para escolher.

Para vos dizer a verdade, nestes momentos estou confusa. O que é melhor?

Vem-me à cabeça a passagem da Bíblia, do livro do Deuteronómio 30,19 que diz: *“Olha, ponho diante de ti vida ou morte, benção ou maldição. Escolhe a vida, para que vivas, tu e a tua descendência”*. Até Deus nos convida a escolher, para mais numa decisão de muita responsabilidade, porque é optar pela vida ou pela morte e não apenas para ti mesmo senão também para os que venham depois de ti.

De novo me sinto confusa: que faço, que hei de decidir? Ou talvez tenha de dizer: quem vem em meu auxílio? E, de novo, a Palavra de Deus vem-me à memória: *“Na minha angústia invoquei o meu Deus e Ele escutou-me”* (Sl 121,1). Os salmistas procuram ajuda, e ensinam-me a fazê-lo. Mas não qualquer ajuda, pedem ajuda a Deus.

Estou a começar a sentir-me mais tranquila, sabendo melhor o que devo fazer; e com a certeza de que *“SOZINHA, NÃO POSSO”*!

É estupendo saber que é lógico que eu não tenha a absoluta certeza quanto ao que devo fazer, e traz-me muita paz aperceber-me de que Deus que me conhece e nos conhece e que sabe porque e para quê nos criou, tem soluções que orientam a nossa vida, enfim, sabe guiar-nos.

Obrigada Senhor, por vires em ajuda da minha debilidade, dos meus medos e incertezas, obrigada, porque quando eu sou fraca, Tu és forte (cf. 2 Cor 12, 10).

É tão gratificante saber que Ele estará sempre ao nosso lado, dizendo-nos *“Não tenhas medo, eu estarei sempre contigo”* (Is 41, 10).

Esta foi a experiência dos profetas, dos reis, dos salmistas, de Maria de Nazaré, dos apóstolos, do próprio Jesus e de muitos homens e mulheres, santos e menos santos, de todas as raças, culturas, idades e condição social, que confiaram em Deus e se deixaram guiar por Ele.

E esta é a experiência a que a comunidade nos convida, neste ano, quando escolheu como lema para 2018/19 *“Deixa-te guiar pelo Espírito”* (Rm 8, 14).

O Pai, bem como Jesus, celebram com a Humanidade o compromisso de não nos deixar sós. Sabem quais são os nossos desequilíbrios, indecisões, dúvidas, indefinições, e prometem-nos que o Espírito Santo nos conduzirá pelo caminho autêntico, levar-nos-á talvez por onde não iríamos, mas essa é a rota certa. Fá-lo-á como fez com Maria, já que o poder do Espírito A lançou no caminho da Salvação para todos (Cfr Lc 1,35). Fá-lo-á como fez muitas vezes com Jesus, acompanhando-O ao rio Jordão, para ser batizado (cf. Mc 1, 10) e conduzindo-O ao deserto, para Se preparar para a Missão (cf. Mt 4, 1).

Um conselho, “CONFIA”, não te deixes enganar nem guiar por qualquer um, nem por ti mesmo: “DEIXA-TE GUIAR PELO ESPÍRITO”, assim a aventura de uma vida plena está garantida.



parte I

Advento

É Advento, tempo para levantarmos a cabeça!

Jr 33,14-16 «Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Haverá sinais no sol, na lua e nas

Sl 24 (25) estrelas e, na terra, angústia entre as nações, aterradas com o rugido e a agitação do mar.

1 Ts 3,12–4,2 Os homens morrerão de pavor, na expectativa do que vai suceder ao universo, pois as forças

Lc 21,25-28.34-36 celestes serão abaladas. Então, hão-de ver o Filho do homem vir numa nuvem, com

grande poder e glória. Quando estas coisas começarem a acontecer, erguei-vos e levantai

a cabeça, porque a vossa libertação está próxima. Tende cuidado convosco, não suceda que os vossos corações se tornem pesados pela intemperança, a embriaguez e as preocupações da vida, e esse dia não vos surpreenda subitamente como uma armadilha, pois ele atingirá todos os que habitam a face da terra. Portanto, vigiai e orai em todo o tempo, para que possais livrar-vos de tudo o que vai acontecer e comparecer diante do Filho do homem”»

(Lc 21, 25-28. 34-36)



prender a ler e compreender os sinais... exteriores, mas também os interiores, os dinamismos que nos habitam...

Neste 1º Domingo do Advento, é este o desafio que o Senhor nos lança: cada um de nós deve preparar-se, este é o tempo certo para tal!

De facto, se estivermos um pouco atentos, há muita coisa que nos pode causar “angústia”, “pavor”, deixar-nos “expectantes”, ... diria mesmo sem esperança. Viver o tempo presente (tal como no passado, no tempo de Jesus) de cabeça erguida, atentos, mas sem estar amedrontados com o que nos rodeia não é algo fácil de acontecer. Parece que crescemos, ganhamos consciência, uma consciência que nos petrifica perante tamanhas violências a que se assiste nos meios de comunicação social, lá fora, mas também nos nossos ecossistemas, no trabalho, inclusivamente nas nossas famílias...

Existem outras pessoas que, porém, ganham como que uma certa insensibilidade à destruição que os circunda e vivem como que alheados...

Arrisco mesmo a dizer que encontrar a atitude certa é um enorme desafio! Contudo, existe quem consiga ser diferente nestas realidades...

Reforço este detalhe: “ser”, não “fazer”!

É que ou conseguimos de facto ter uma consciência profunda e uma lógica de vida que sai fora dos padrões ditos “normais” e, desde dentro, vemos, sentimos, entendemos - de modo diferente - ou, por muito que tentemos fazer as coisas de um outro modo, acabamos por nos esgotar definitivamente...

Felizmente, temos pessoas concretas que foram, e são, capazes de experimentar isto nas suas vidas. Pelo facto de Jesus dizer isto aos seus discípulos, por O conhecermos e ao Seu modo de ser e estar, este desafio que Ele lhes/nos lança ganha uma outra dimensão, mais aterradora.

Se, por um lado vivermos a nossa vida preparados (porque Deus nos habita) parece uma tarefa difícil, por outro, perceber que Jesus, tantos santos, e também homens, mulheres e crianças anónimos o fizeram dá-nos a certeza de que tal é possível, em qualquer que seja o momento da nossa história e da história da Humanidade.

Está nas nossas mãos, mas primeiramente na nossa vontade, no nosso coração, tornarmos este tempo de Advento até ao Natal, um tempo único de encontro com Deus!

Vivamos este tempo com o desejo profundo de termos a perspectiva de Deus sobre nós próprios e sobre o que nos rodeia. Deus não nos quer “embriagados” e “a fugir” das nossas preocupações, mas de “cabeça erguida”, sabendo que “Deus precisa de nós porque o mundo precisa de facto de Deus” e somos muito especiais aos Seus olhos pelo que está sempre presente, fazendo caminho connosco!

Bom tempo de Advento para todos! Rezemos juntos!

O cristão deve ser otimista

Olhando a sociedade e o mundo, é fácil concluir que estamos muito longe daquilo que foi sonhado pelo Criador. Há um verdadeiro abismo entre o Mundo e o Reino de Deus. Dá até para justificar um grande pessimismo, mas de que adianta isso? O pessimismo apenas nos entristece, parecendo que tudo está perdido e que não há solução. Podemos cair na tentação de desacreditar em Deus e nos homens. No entanto, Deus não desiste do mundo (que é bom e suficiente para nossa felicidade) e muito menos do Homem. Deus é otimismo e quer-nos fiéis e otimistas, trabalhando ao Seu lado para o bem da Humanidade.

O mundo está muito materialista, muito individualista. Falta união, falta apoio, falta seriedade em muitas instituições; são muitos os aproveitadores, os “espertos”.

Mesmo assim, dá para ser otimista, porque é possível mudar o mundo para melhor. Aliás, o cristão tem a obrigação de ter alegria de viver, de ter bom humor. Tudo isso alicerçado não no que pensa, prega e faz o mundo, criando uma ilusão de que tudo está certo. O otimismo cristão é aquele que procede da satisfação humana, mas que nasce da Fé no poder de Deus, no poder do amor e na abundância de bem, capaz de vencer o mal do mundo.

O otimismo cristão não é ignorante: vê a realidade, mas alimenta a esperança de que tudo vai melhorar... e trabalha para isso.

Precisamos do otimismo e da esperança, há muito que fazer. Precisamos de nos unirmos para colocar o amor em primeiro lugar, abrindo espaço para a justiça, a dignidade humana, o respeito, a ética e a moral.

Precisamos de nos unirmos, pois coisas incríveis acontecem quando as pessoas atuam em conjunto. Precisamos restaurar a força, a beleza e o poder da união, da concórdia...

Procuremos o otimismo, mas este não está em fontes humanas, nas coisas que passam. Não conseguiremos manter o otimismo apenas com nossas realizações e conquistas. Deus é a grande fonte de otimismo. Precisamos acreditar totalmente em Deus, conviver com Ele e nos apoiar nas coisas que não passam. Só assim teremos alegria, esperança e fé, que alimentam nosso otimismo.

Portanto, podemos sim ser otimistas e devemos cultivar esse propósito sem nos abalarmos se o mundo e muitas das pessoas ao nosso redor querem-nos convencer do contrário. Sejam os “do contra”: contra o mal, o bem; contra a indiferença, o amor; contra as tentações, a fé; contra o desânimo, a esperança; contra os vazios da existência, Deus.

Sozinhos somos fracos. Nunca podemos esquecer que os “inimigos” da vida também se unem para atingir seus objetivos..

Quem perde a confiança em Deus acaba por ter medo e por isso perde a coragem de seguir adiante, perde a esperança, entra num mundo de dúvidas, incertezas, de deixar para depois, de esperar mais um pouco...; torna-se preguiçoso e prefere não arriscar, e enterra seus talentos, achando que tudo vai correr mal, que não vai conseguir.

Pense como a música: “Se as águas do mar da vida quiserem afogar-te, segura nas mãos de Deus e vai...”. Ou como Santa Madre Teresa: “Dá ao mundo o melhor de ti, mas isso pode nunca ser suficiente. Dá o melhor de ti assim mesmo. Apercebe-te que, no final, de tudo se passa entre ti e Deus”.

Salve Maria!

(Valdomiro Carezia, revisto para Português-PT;
retirado de <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-cultura/5917506>)



A lei do movimento

Gn 3,9-15.20 «Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por

Sl 97 (98) Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um

Ef 1,3-6.11-12 homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria. Ao entrar em casa

Lc 1,26-38 dela, o anjo disse-lhe: “Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.” Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: “Maria, não temas, pois achaste

graça diante de Deus. Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim.” Maria disse ao anjo: “Como será isso, se eu não conheço homem?” O anjo respondeu-lhe: “O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus. Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, porque nada é impossível a Deus.” Maria disse, então: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.” E o anjo retirou-se de junto dela.» (Lc 1)



primeira lei de Newton estabelece que a inércia é a tendência dos corpos permanecerem nos seus estados naturais de equilíbrio. Todo o corpo em repouso tende a permanecer em repouso e todo o corpo em movimento tende a permanecer em movimento retilíneo e uniforme. Isto significa que quando estamos em movimento numa determinada direção torna-se mais fácil aumentar a velocidade, desde que sejamos sujeitos a uma aceleração na mesma direção...

Quando o Anjo Gabriel é enviado por Deus não encontra alguém em repouso, inerte. Pelo contrário, Maria dá todas as respostas de quem já se havia preparado interiormente para ser chamada por Deus. As palavras do anjo, quando chegam, deixam de ser verbo, para se tornarem substância, carne, dor, lágrimas, abnegação, disponibilidade total. A promessa transforma-se em ação. Não é um instante da visita, mas o reflexo de uma pureza interior de toda uma vida capaz de escutar, acolher e acreditar. Gostava muito de me sentir preparado para acolher a palavra desta maneira, de ser capaz ao ouvir uma homília, umas pistas, um desafio e dizer: “faça-se em mim segundo a Tua palavra”. Que os apontamentos que vou escrevendo no meu caderno consigam deixar de ser letras e frases para se tornarem em carne, contradições, variações de velocidade e trajetórias. Porque há palavras que não ecoam nos ouvidos, outras que ecoam mas nunca chegam ao cérebro, outras que passam para o coração, outras ainda para a boca e apenas muito poucas chegam às nossas mãos. Para isso é indispensável que eu me coloque primariamente numa posição de acolhimento, num estado de movimento em que se torne mais fácil receber, que oriente a minha vida para melhor decidir. Para quem está a movimentar-se numa direção oposta, ou esteja mesmo parado, tudo se torna mais difícil. O poeta britânico do William Blake, que viveu no séc. XVIII, escreveu: “Espera veneno das águas paradas.”

Neste advento quero um verbo que se torne carne em mim, quero preparar o meu coração para esta semente que insiste em chegar e se alojar no meu coração. Quero que tudo se transforme em qualquer coisa de concreto que modifique o estado das coisas, que me desassossegue.



Nossa Senhora

*Tenho ao cimo da escada, de maneira
Que logo, entrando, os olhos me dão nela,
Uma Nossa Senhora de madeira
Arrancada a um Calvário de capela.*

*Põe as mãos com fervor e angústia. O manto
Cobre-lhe a testa, os ombros, cai composto;
E uma expressão de febre e espanto
Quase lhe afeia o fino rosto.*

*Mãe das Dores, seus olhos enevoados
Olham, chorosos, fixos, muito além...
E eu, ao passar, detenho os passos apressados,
Peço-lhe: – “A sua bênção, Mãe!”*

*Sim, fazemo-nos boa companhia,
E não me assusta a sua dor: quase me apraz.
O Filho dessa Mãe nunca mais morre. Aleluia.
Só isto bastaria a me dar paz.*

*– “Porque choras, Mulher?” – docemente a repreendo.
Mas à minh’alma, então, chega de longe a sua voz
Que eu bem entendo: – “Não é por Ele...”
– “Eu sei! Teus filhos somos nós.”*

(José Régio, Mas Deus É Grande)

Tempo de partida

Br 5,1-9 «No décimo quinto ano do reinado do

SI 125 (126) imperador Tibério (...) foi dirigida a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto. E ele percorreu toda a zona do rio Jordão,

Fl 1,4-6.8-11 pregando um batismo de penitência para a remissão dos pecados, como está escrito no

Lc 3,1-6 livro dos oráculos do profeta Isaías: “Uma voz clama no deserto: ‘Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas. Sejam alteados todos os vales e abatidos os montes e

as colinas; endireitem-se os caminhos tortuosos e aplanem-se as veredas escarpadas; e toda a criatura verá a salvação de Deus.’”»

(Lc 3,1-6)





Advento, do latim *Adventus*, significa “chegada”. É o tempo da espera, da preparação, da expectativa. Hoje, passados mais de 2000 anos do primeiro Advento, é para nós (mais) fácil gerir este período litúrgico. Mas o que seria viver o primeiro Advento, quando se acumulavam sinais e profecias de que algo Grande aconteceria e que iria mudar a história e o coração dos homens?

Neste Advento, nesta oração, sinto que me quero distanciar da “chegada” e meditar sobre a partida, sobre o convite à missão que as leituras deste Domingo nos fazem. Um caminho em que inevitavelmente, para o fazer tenho de deixar muitas coisas para trás. Aquelas bagagens a que estamos tão agarrados, e que pela carga que têm pesam demais e não nos deixam viver em pleno uma transformação espiritual profunda.

Ainda que não faça parte das leituras deste Domingo, tenho presente a passagem do jovem rico: queria seguir Jesus mas sem abdicar das suas coisas...

Pelas circunstâncias pessoais em que agora me encontro, sinto que comecei o Advento deste ano um pouco mais cedo. Tenho feito uma oração séria sobre o “jovem rico” que sou e o que quero deixar à beira da estrada para poder receber Jesus este Natal. As respostas nem sempre são fáceis de aceitar nem tão pouco de compreender. Às vezes é só mesmo confiar na voz subtil de Deus e ir para a frente...

Neste caminho de descoberta já abdiquei de várias coisas – materiais e não só. E de cada vez que me desprendo de algo sinto que estou a preparar o “caminho do Senhor”, a endireitar “os caminhos tortuosos” e a aplanar “as veredas escarpadas”. E quanto

mais dou, mais livre me sinto para amar, para ir ao encontro do outro, para sentir a voz de Deus em muitos momentos do dia e confiar que é Ele que está sempre ao meu lado quando não sei para onde ir nem percebo porque estou onde estou.

Neste Advento sinto por isso de uma forma mais intensa o apelo da missão, de sair de mim e fazer mais de uma forma gratuita, com o coração aberto para dar e também para receber. E porque o sentido de missão não pode estar apenas no coração, precisei de fazer uma lista de intenções para pôr em prática nas próximas semanas. Talvez não consiga concretizar tudo, mas assumi o compromisso de dar os primeiros passos este Advento. Também para ti deixo este desafio!

Escreve aqui as *missões* com que te queres comprometer este Advento. Para cada uma escreve como vais dar o primeiro passo e o que precisas para concretizar esse compromisso. Partilha com alguém!

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

Ser estrada de Advento!

Sf 3,14-18a «E as multidões perguntavam-lhe: “Que devemos, então, fazer?” Respondia-lhes:

Is 2,2-3.4.5-6 “Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma, e quem tem mantimentos faça o mesmo.” Vieram também alguns

Fl 4,4-7 cobradores de impostos, para serem

Lc 3,10-18 baptizados e disseram-lhe: “Mestre, que havemos de fazer?” Respondeu-lhes: “Nada exigais além do que vos foi estabelecido”. Por sua vez, os soldados perguntavam-lhe: “E nós,

que devemos fazer?” Respondeu-lhes: “Não exerçais violência sobre ninguém, não denunciéis injustamente e contentai-vos com o vosso soldo.” Estando o povo na expectativa e pensando intimamente se ele não seria o Messias, João disse a todos: “Eu baptizo-vos em água, mas vai chegar alguém mais forte do que eu, a quem não sou digno de desatar a correia das sandálias. Ele há-de baptizar-vos no Espírito Santo e no fogo. Tem na mão a pá de joeirar, para limpar a sua eira e recolher o trigo no seu celeiro; mas queimará a palha num fogo inextinguível.” E, com estas e muitas outras exortações, anunciava a Boa-Nova ao povo.»

(Lc 3, 10-18)

“



legrai-vos sempre no Senhor... o Senhor está próximo”!

João anuncia a Tua chegada! João é um homem do seu tempo e faz, do seu tempo, um tempo de anúncio. De anúncio da Boa Nova que está quase, quase a chegar. E a todos convida à conversão. E a todos desafia para um novo caminho.

Preparamos o Advento! Ou melhor, estamos no caminho do Advento... Preparamos o Natal! Como tenho vivido até aqui? Deixome levar pelo Espírito Santo? Procuro viver esta espera com esperança? Procuro viver este tempo como uma espera do Senhor? Ou já me deixei contagiar pelas mil luzes que já se acendem nas ruas? Pelas montras cheias de presentes? Pela loucura do trânsito? Pelo consumismo? Pela loucura das compras dos presentes?

Este ano, eu quero viver um Natal diferente! Quero viver de forma diferente... O que quero anunciar? Como me estou a preparar? Estou consciente de que todos somos convidados a viver o caminho do advento? Em que estrada caminho? Quem me acompanha?

Onde me preparo para Te receber, Senhor? Quero receber-Te na minha casa? Em todo o meu coração?

Sinto que muitas vezes desaproveito o caminho do advento. Quando dou por mim, quero mesmo é despachar as prendas, cumprir as “obrigações” que assumi. Quando dou pelo tempo, já é véspera e eu nem aproveitei as celebrações, nem me confessei... Chegou a haver natais sem que eu fosse à Missa, para poder andar a correr a almoçar com uns, a lanchar com outros, a jantar noutro sítio... supostamente para estar em família... Quantas coisas ponho à frente de Deus, até mesmo no Natal?

Quantas vezes a minha estrada para Belém está cheia de engarrafamentos, de coisas, tarefas, condicionantes, jantares/almoços “de Natal” e tantas outras coisas que colocamos nela para que possamos passar o Natal?

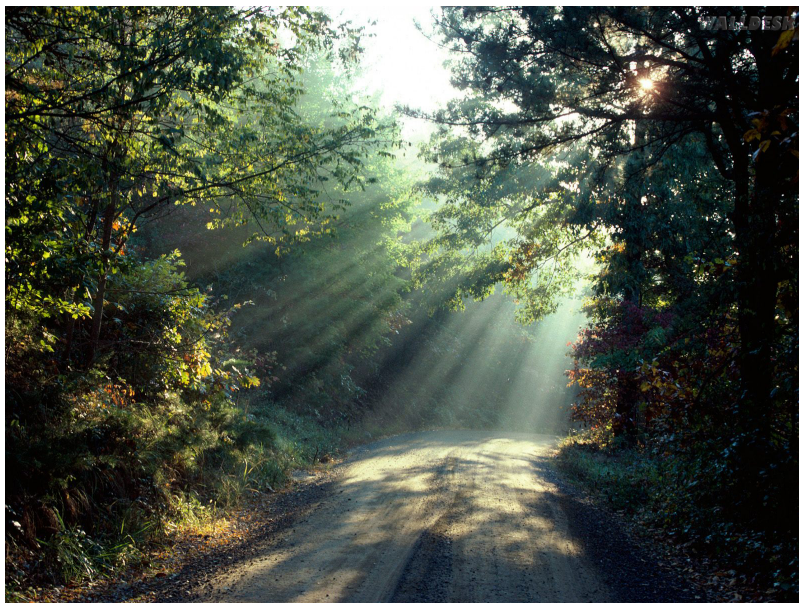
Por outro lado, vejo que João era um homem “normal”, comum, do seu tempo... Provavelmente não era considerado bem sucedido... Mas isso não o impediu de viver a sua missão: anunciar Aquele que havia de vir! Porque O conhecia, porque acreditava n'Ele com todo o seu ser. E nós? Não é altura de acreditarmos? Com todo o nosso coração? Não é altura de assumirmos as consequências de acreditarmos?

Costuma-se dizer que João deu testemunho da Luz. E eu? Quero dar testemunho desta Luz que já me habita? Quero ajudar outros a encontrar um caminho? Ajudar a construir novas estradas nas suas vidas?

Tenho tendência para ver apenas aquilo que não consegui, o que não vivi, o que não alcancei – mas eu já percorro esta estrada da fé há uns bons anos! E sei quem me acompanha – não é isso que tenho de celebrar? De voltar à certeza de que nesta estrada, neste Advento, esta é a altura de fazer presente essa Esperança, esse Amor maior que em mim habita?

“Arrisca um passo nessa estrada divina, nessa estrada de luz e graça, meu irmão do Advento. Encontrarás certamente alguém que te levará até Belém. É importante que essa estrada de Amor, Perdão, Bondade, Justiça e Paz chegue à tua porta, à tua casa, ao teu coração. Do coração de Deus ao teu coração. Do teu coração para o coração do teu irmão. Com persistência, humildade e amor. Sê como o camponês, que acaricia a semente, lavra a terra, visita o campo para ver crescer devagarinho a plantação. Vela também sobre o teu coração, para que não se torne duro e pesado. Vigia com amor, como quem está sempre à espera de alguém que ama, à espera do Senhor que vem. E pode vir na pessoa de um irmão.”

(“Quando Ele nos abre as escrituras – Domingo após Domingo”,
D. António Couto, Paulus Editora)



Eu acredito!

Mq 5,1-4a «Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e

Sl 79 (80) dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a

Hb 10,5-10 saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito

Lc 1,39-45 Santo. Então, erguendo a voz, exclamou: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E donde me é dado que

venha ter comigo a mãe do meu Senhor? Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor.”»

(Lc 1, 39-45)



calendário deste ano posiciona o dia de hoje, o 4º domingo do Advento, mesmo na véspera de Natal. Estamos, decerto, todos atarefados com preparativos, viagens para junto da família, compras de última hora, correrias, talvez contratempos, possivelmente algumas tristezas ou contrariedades... A cada um, no seu espaço e na sua situação, proponho um exercício: que leia, com muita calma, o evangelho de hoje, que se detenha em cada frase, e que tente colocar-se no lugar de Maria. Que, à pressa (também ela à pressa, como nós...) foi ter com Isabel. Maria, que transportava com ela a alegria de uma promessa de um novo tempo, de uma nova mensagem de paz, de amor. E foquemo-nos na alegria de Isabel (e do bebé, João, no seu ventre) ao ver chegar Maria, ao sentir, com Ela, a presença do Espírito Santo!

Ao ler esta leitura, perguntei a mim mesma se seremos, neste Natal, ser capazes de, como Maria, levar Jesus a todos com quem nos cruzarmos. Se seremos capazes de acreditar sempre, de deixar que o Espírito nos acompanhe e nos transforme, para sermos uma promessa de um mundo melhor, mais alegre, mais apaziguado, mais feliz. Nem sempre é fácil, mas, muitas vezes, é menos difícil do que supomos.

Rezo para que cada um de nós, cristãos, consiga ouvir a voz de Isabel: Feliz de ti (Maria, Ana, António, João, Manuel, Cristina...), que acreditaste! E que a alegria que nos vem da Fé nos traga esperança, nestes tempos tão precisados dela. Peçamos todos nós que este domingo (se pensarmos bem, já passaram mais de dois mil natais, é uma alegria estarmos juntos para celebrar mais um) seja um momento de comunhão com Maria. E aproveitemos a oportunidade para preparar o nosso coração para deixar que o Espírito faça, também em nós, maravilhas. Um feliz Natal!

Consagração a Nossa Senhora

*Ó Senhora minha ó minha Mãe
Eu me ofereço todo a Vós.
E em prova da minha devoção para convosco,
Vos consagro neste dia, e para sempre,
os meus olhos, os meu ouvidos,
a minha boca, o meu coração e,
inteiramente, todo o meu ser.
E porque assim sou Vosso,
Ó incomparável Mãe,
Guardai-me e defendei-me
Como coisa e propriedade vossa.*

Amén.



parte II

Natal

Contemplar a missão

- Is 62,11-12 «Naquele tempo, quando os Anjos se afastaram dos pastores em direcção ao Céu, começaram estes a dizer entre si: “Vamos até Belém, vamos ao que dizem ter sucedido e que o Senhor nos deu a conhecer.” Partiram então a toda a pressa e encontraram Maria e José, e o menino deitado na manjedoura. Assim que O viram, começaram a contar o que lhes tinham anunciado sobre aquele Menino. E todos os
- Sl 96 (97)
- Tt 3, 4-7
- Lc 2,15-20

que ouviram se admiraram com aquilo que os pastores lhes disseram. Maria fixava todas estas palavras e pensava nelas no íntimo do coração. Então, os pastores regressaram e davam glória e louvores a Deus, por tudo o que tinham visto e escutado, conforme lhes haviam dito.»

(Lc 2, 15-20)



o Natal não temos apenas uma Missa. Nem sequer duas, mas quatro: vigília, meia-noite, aurora e dia de Natal. Porque raramente estamos acordados a horas da Missa da aurora, escolhi estas leituras, para que pudessem trazer luz ao nosso caminho, à nossa missão.

Ajuda-me ver todo o movimento dos pastores: a partida “a toda a pressa”, o encontrar Jesus, o contar do anúncio dos Anjos e o regresso entre cânticos de glória e louvor a Deus. A urgência de procurar Jesus até o encontrar, a necessidade de contagiar outros com a fé e a alegria de estar perante o Salvador.

Esta urgência missionária, que nasceu com Jesus e nos acompanha até hoje, sempre me desconcerta. Eu, missionário? Mas qual é a minha missão? Durante muitos anos achei que a minha missão teria de ser ou estar relacionada com a minha profissão. Mas, ainda que o nosso trabalho seja realizado com dedicação e esmero, há muitas ocasiões em que não passa de um meio para colocar comida em cima da mesa familiar (e pagar as restantes contas). Confiei depois que a minha missão seria ou estaria na família que ia crescendo, essa missão de todos os dias, que às vezes parece impossível. Procurei inspiração na Sagrada Família e dei o meu melhor por aqueles que mais amo. Alarguei o espaço da minha tenda, incluí os sobrinhos - sem esquecer os “emprestados”, que estão sempre no meu coração. Mas, à medida que as crianças vão deixando de o ser, torna-se evidente que a família será cada vez menos a missão da minha vida.

A dúvida nem sempre é indesejável. Mesmo que teime em acompanhar-nos por mais tempo do que humanamente desejaríamos. Talvez devêssemos aproveitar este momento para nos prostrarmos diante do Deus menino e contemplarmos o nosso

Salvador. Dar-lhe aquele tempo que falta até o resto da casa acordar para, como os pastores, partirmos em busca do que o Senhor já nos deu a conhecer. Enchamo-nos primeiro da humildade necessária para conseguir compreender realmente o que nos foi revelado, pois não é indiferente que o Senhor tenha escolhido os pastores como exemplo para todos nós.

Como dizia a Ventura nas pistas de preparação deste caderno, só com uma humilde conversão diária conseguimos passar da cabeça ao coração. Essa passagem é o que nos permite transformar a Palavra de Deus em vida e, deixando de nos preocupar tanto com a missão da nossa vida, transformarmos a nossa vida em missão.



*Saber esperar o que já veio
Saber ter o que há de vir
é mais do que pôr uma esperança desmedida no futuro
e ir saboreando o hoje e o amanhã...*

*Saber ter olhos para ver o invisível,
e ouvidos p'ra escutar
o que ninguém nos diz,
mas nós queríamos tanto...
Vale a pena sorrir
Quando o que esperam de nós são lágrimas
Vale a pena ver o pôr-do-Sol
e pensar na próxima manhã.*

*Enchamos tudo de futuros
como se eles espreitassem
das nuvens, ou estivessem
à nossa espera para nos dizer
bom dia e para esperarem
até chegarmos lá.*

*Vale a pena acreditar nos sonhos e
e palpá-los mais do que numa esperança vã!*

(Rita Wemans “Enchamos Tudo de Futuros”, Lisboa 2003)

“Família, deixa-te guiar pelo Espírito”

- Sir 3,3-7.14.17 «Felizes os que esperam no Senhor
E seguem os seus caminhos.» (Sl 127)
- Sl 127 (128) «Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus,
santos e amados, de entranhas de
Cl 3,12-21 misericórdia, de benignidade, humildade,
mansidão, longanimidade;
- Lc 2,22-40 Suportando-vos uns aos outros, e perdoadovos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou,

assim fazei vós também.

E, sobre tudo isto, revesti-vos de amor, que é o vínculo da perfeição.

E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos.

A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com graça em vosso coração.

E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.

Vós, mulheres, estai sujeitas a vossos próprios maridos, como convém no Senhor.

Vós, maridos, amai a vossas mulheres, e não vos irriteis contra elas.

Vós, filhos, obedecei em tudo a vossos pais, porque isto é agradável ao Senhor.

Vós, pais, não irriteis a vossos filhos, para que não percam o ânimo.» (Cl 3, 12-21)



este Domingo da Sagrada Família, começo por agradecer profundamente a minha família, dom de Deus para mim e para o Mundo, apesar de nem sempre ser uma família “fácil”.

A complexidade da vida, as dinâmicas individuais de cada elemento da família e das várias interações são desafios constantes e oportunidades para o crescimento no amor, no perdão, na confiança, na esperança, na humildade, na alegria, na paciência...

Há momentos em que vivemos verdadeiras crises familiares. E são períodos muito duros... Independentemente das circunstâncias, é nestas alturas em que a Fé nos salva. Por vezes, só a Fé nos pode salvar! Como? Permanecendo, rezando, confiando e esperando... Permanecer amando e vivendo a nossa missão!

*“Felizes os que esperam no Senhor
E seguem os seus caminhos.”*

Esta Carta de São Paulo aos Colossenses (Cl 3, 12-21) é muito especial para mim, foi escolhida há mais de 20 anos para ser a 2ª leitura do meu casamento. E ainda hoje continua a ser uma inspiração e um convite para me deixar guiar pelo Espírito de Deus.

Se nos abirmos ao Amor de Deus, de uma forma humilde e agradecida, seremos capazes de viver os frutos do Espírito, até mesmo na adversidade: misericórdia, benignidade, humildade, mansidão, longanimidade, paz, alegria, perdão, amor, comunhão...

- Pai, de que frutos do Espírito preciso mais neste momento da minha vida?
- De que frutos a minha família necessita?

“A palavra de Cristo habite em vós abundantemente” – esta é a bússola que nos guia nesta caminhada diária. A palavra que é rezada, e que depois é partilhada e testemunhada na família, concretizada através de pequenos grandes gestos.

- De que formas posso acolher a palavra de Deus na minha família?
- Como a transmito na família?
- Que testemunho dou aos outros?

Olhando para a família de Nazaré, qual a atitude, a forma de estar, que mais me toca? E porquê? Como posso tentar viver assim hoje?

Peço-te, Senhor, que nos ajudes a dar-te espaço nas nossas vidas, nas nossas casas, para que aumentes a nossa capacidade para amar e servir as nossas famílias, quaisquer que sejam as circunstâncias de cada um.

Rezo também por todas as famílias, em especial aquelas que vivem momentos mais difíceis, ou aquelas que necessitam de algum tipo de apoio (material ou espiritual), para que possam deixar-se guiar pelo Espírito e (re)encontrar o seu caminho.



Família, lugar de perdão...

“Não existe família perfeita. Não temos pais perfeitos, não somos perfeitos, não nos casamos com uma pessoa perfeita nem temos filhos perfeitos. Temos queixas uns dos outros. Dececionamos uns aos outros. Por isso, não há casamento saudável nem família saudável sem o exercício do perdão. O perdão é vital para nossa saúde emocional e sobrevivência espiritual. Sem perdão a família torna-se uma arena de conflitos e um reduto de mágoas.

Sem perdão a família adocece. O perdão é a assepsia da alma, a faxina da mente e a alforria do coração. Quem não perdoa não tem paz na alma nem comunhão com Deus. A mágoa é um veneno que intoxica e mata. Guardar mágoa no coração é um gesto autodestrutivo. É autofagia. Quem não perdoa adocece física, emocional e espiritualmente.

É por isso que a família precisa ser lugar de vida e não de morte; território de cura e não de adoecimento; palco de perdão e não de culpa. O perdão traz alegria onde a mágoa produziu tristeza; cura, onde a mágoa causou doença.”

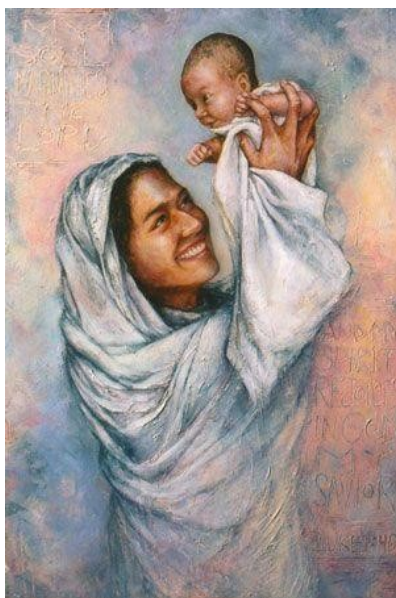
(Papa Francisco)

Tudo passa, mas algo permanece

- Nm 6,22-27 «Naquele tempo, os pastores foram, correndo, a Belém e encontraram Maria, José, e o Menino deitado na manjedoura. Tendo-O visto, contaram o que lhes haviam dito daquele Menino. Todos os que ouviam se admiravam do que lhes diziam os pastores; e
- Sl 66 (67) Maria conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração.
- Gl 4,4-7
- Lc 2,16-21

Os pastores voltaram, dando glória e louvor a Deus pelo que haviam visto e ouvido; tudo como lhes haviam dito.

Ao cumprirem-se os oito dias, era altura de circuncidar o Menino, e puseram-Lhe o nome de Jesus, como Lhe tinha chamado o anjo, antes da Sua concepção.» (Lc 2, 16-21)





texto que acabámos de ler está em linha com o que vimos dizendo nestes dias: a total inserção de Jesus nas tradições judaicas. Ao dizermos que Maria interiorizava tudo isto, está manifestada a importância do que estava a passar-se dentro Dela e dos demais protagonistas. É importante o nome: Jesus=*Deus salva*, diz tudo.

O tema de **Maria Mãe** mereceria mais esclarecimentos do que permite este pequeno comentário. Claro que a maternidade de Maria é um dogma! Mas não foi discutido no Concílio, como um tema mariológico, senão como cristológico. Foi definido em Éfeso em 431. Imediatamente foi mal entendido (há que ter em conta que, naquela cidade, se venerava a "*Magna Mater*", deusa virgem - Artemisa ou Diana) e teve de ser aclarado, vinte anos depois, pelo Concílio de Calcedónia (451) matizando o formulado em Éfeso, concretizando que Maria era mãe de Deus "*enquanto na Sua humanidade*".

Devemos ter em conta o contexto no qual foi formulado este dogma. Definiu-se como uma tentativa de confirmar, contra a heresia nestoriana, defensora de duas pessoas em Jesus, que o fruto do parto de Maria foi **uma única pessoa**. Não esqueçamos que o Concílio de Éfeso foi promovido por Nestório - para condenar Cirilo como herege -, que proclamava uma só pessoa em Cristo; e, portanto, que Maria era, literalmente, mãe de Deus. A Nestório saiu o tiro pela culatra, mas pouco faltou para que se condenasse como heresia aquilo que se definiu como dogma.

Com efeito, numa primeira sessão, sem a assistência de Nestório, que não queria que se iniciasse, antes da chegada do seu amigo, o Patriarca de Antioquia, definiu-se o dogma, condenando Nestório. Quando, poucos dias depois, chegou o seu amigo, João de Antioquia, desenrolou-se uma sessão paralela e definiram o contrário, condenando Cirilo como herege. Em vista do que, o Imperador Teodósio depôs os dois, (Cirilo e Nestório),³⁹

encarcerando-os. Uns dias mais tarde, quando chegam os delegados do Papa, convencem o Imperador a aceitar o definido na primeira sessão e a libertar Cirilo. Nestório foi obrigado a retirar-se para um mosteiro. Foi Teodósio quem decidiu o que era dogma e o que era heresia.

Este dogma é o melhor exemplo de como, conservando as palavras, alteramos o sentido. Quando se definiu o dogma, tinha-se uma ideia completamente distinta da maternidade. Acreditava-se, então, que a mãe era somente o receptáculo onde o varão depositava a semente do novo ser, decorrendo que a mãe não tinha outra missão que a de acolhê-lo e alimentá-lo. De facto, a tradução correta do termo grego "*theotokos*", seria "a que pariu Deus". Foi assim, a partir desta conceção da maternidade, que se puderam desenvolver as mitologias sobre seres humanos que se consideraram *filhos de Deus*.



O que estamos a celebrar é que Maria torna presente Deus, dando Jesus à luz. Santo Agostinho diz que Maria foi mãe de Deus, não pela Sua relação biológica,

mas por ter aceite o projeto de Deus. O evangelho deixa bem claro o que é importante em Maria. Quando dizem a Jesus, que a Sua Mãe e os Seus irmãos estão lá fora, responde: *"Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos? Aquele que faz a vontade de Deus, esse é o meu irmão, a minha irmã e a minha mãe"*.

Ano Novo.- Estamos no tempo ideal para me dar conta do meu verdadeiro ser e descobrir que estou já na eternidade, que o meu verdadeiro ser não reside no *chronos*, antes se encontra no *kairos*. Serei cada ano mais jovem, se sou, cada dia, mais livre. O meu verdadeiro ser é constituído pelo que de divino há em mim; e isso é

eterno. Não tenho nada a esperar. Sou já a plenitude e estou no Eterno. A minha singularidade e individualidade são mera aparência. Não devemos empenhar-nos em meter Deus no tempo, mas sim em sairmos nós dele. Sou a onda que ainda não se deu conta de que é oceano. O oceano ainda não se refletiu em mim. Tenho de dar-me conta de que sou oceano e, então, o oceano me dirá que ele é onda. Quando Jesus diz: *"Eu e o Pai somos Um Só"*, não o diz a partir do falso eu, senão desde o Seu verdadeiro Ser. É o que de Deus em mim diz: Eu e Deus somos um.

O tempo em que se desenrola a nossa existência tem muita importância, mas apenas como meio para conseguir essa tomada de consciência que me fará transcender. A Nossa reflexão de hoje tem de estar orientada para descobrir o que estou eu a fazer com o meu tempo. Posso estar a gastá-lo mal, ou a perder o que me foi dado para que aproveitasse. Vão passando os meus anos - e com eles as oportunidades de dar verdadeiro sentido à minha vida. Esta tem de ser a minha preocupação, quando estamos a passar de um ano para o outro.

Dia da Paz.- Creio que vale a pena fazer uma denúncia das circunstâncias em que nos encontramos e tentar pôr um pouco de luz no emaranhado de informações e interesses que nos rodeiam. Em nome da liberdade, não se pode defender tudo. Em nome da liberdade religiosa não se pode propugnar ideias que vão contra os mais elementares direitos das pessoas, nem sequer de uma só pessoa. Em nome da liberdade política não se podem defender ideias que não respeitem os direitos fundamentais dos demais. Tenho a obrigação de defender os meus direitos; mas os meus direitos terminam onde começam os direitos do outro, que se convertem em obrigações, para mim.

Devemos desmascarar o fariseísmo do nosso mundo ocidental, que se atreve a celebrar um Dia Mundial da Paz, enquanto está a prolongar, por ação ou por omissão, situações de injustiça que bradam aos céus. Arrogámo-nos o direito de decidir quem é o bom e quem é o mau. Colocámo-nos em estádios éticos anteriores à Lei

de Talião. Nela se dizia que se te tiram um dente, tens o direito a tirar outro ao agressor, mas não mais. Hoje, ouvimos todos os dias, que há que tirar todos os dentes ao outro, porque, se não o fizermos, amanhã, pode morder.

Não é desejável a paz a qualquer preço. A ninguém interessa a paz dos cemitérios. Tão-pouco devia interessar-nos a paz sobre a qual se fundaram todos os impérios, desde o egípcio, até ao que suportamos, hoje. A paz que se baseia na força não é verdadeira paz. Não se trata só da força física; também a força duma legalidade que construímos, os poderosos, baseados na lei do funil. A norma deve ser a verdadeira justiça. Passámos milénios a pregar a *guerra justa*. Não encontrei essa ideia em parte alguma do Evangelho. Toda a violência é desumana.

A paz não se pode conseguir diretamente. É um fruto e, como tal, se quero colhê-lo, tenho de plantar primeiro a árvore e dela cuidar. O mínimo indispensável para que surja a paz é a justiça. A paz, para o que detém o poder, consiste em que ninguém se mexa. Para o que está submetido à injustiça, será algo muito distinto. Se nos interessa a paz, devemos lutar, cada dia, por abandonar toda a opressão (o pecado do mundo) e entrar na dinâmica do amor. Se verdadeiramente queremos a paz, teremos de dar voz aos que sofrem a violência injustificada. Eles indicar-nos-ão como alcançar a verdadeira justiça.



“Vimos a Sua estrela...”

Is 60,1-6 «Tendo Jesus nascido em Belém, no tempo do rei Herodes, chegaram a Jerusalém uns magos vindos do Oriente. E perguntaram: “Onde está o Rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a Sua estrela no Oriente e viemos adorá-Lo”. Ao ouvir tal notícia, o rei

Sl 71 (72)

Ef 3,2-3a.5-6

Mt 2,1-12 Herodes perturbou-se. Reunindo os sumos sacerdotes e escribas, perguntou-lhes onde devia nascer o Messias. Eles responderam: “Em Belém da Judeia; foi escrito pelo profeta: ‘E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as principais cidades da Judeia; porque de ti vai sair o Príncipe que há de apascentar o Meu povo de Israel.’” Então, Herodes mandou chamar secretamente os magos e pediu-lhes informações exatas sobre a data em que a estrela lhes tinha aparecido. E, enviando-os a Belém, disse-lhes: “Ide e informai-vos cuidadosamente acerca do Menino; e, depois de O encontrardes, vinde comunicar-mo, para eu ir também prestar-Lhe homenagem”. Os magos puseram-se a caminho. E a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que, chegando ao lugar onde estava o Menino, parou. Ao ver a estrela, sentiram imensa alegria. E, entrando, viram o Menino com Maria, Sua Mãe. Prostrando-se, adoraram-No e ofereceram-Lhe presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonhos que não voltassem junto de Herodes, regressaram por outro caminho.»

(Mt 2, 1-12)



A primeira coisa que me chamou a atenção nesta leitura é o facto de tudo estar localizado no tempo e no espaço, de um modo muito concreto. Suponho que seja para nos mostrar que Deus está presente na nossa história e vem ao nosso encontro no momento e no lugar onde estamos, sejam quais forem as circunstâncias. Mesmo que sejam adversas; aqui, por exemplo, havia alguém, Herodes, que – apesar de neste texto ainda não ser dito – queria matar Jesus.

Chamou-me a atenção também a astúcia de Herodes, que disfarça as suas más intenções sob a aparência de bem: *“depois de O encontrardes, vinde comunicar-mo, para eu ir também prestar-Lhe homenagem”*. Não era, de todo, esse o seu intuito: ele queria apenas saber onde encontraria Jesus para poder livrar-se Dele. E isto porque não tinha percebido quem Ele era: ouviu a palavra “Rei” a achou que o seu poder iria ficar abalado. Assustou-se! E, adulto, homem feito, rico, poderoso, teve medo de uma criança acabada de nascer...

Nós também somos assim, porque nos assustamos com o que, afinal, não nos vai trazer nenhum prejuízo; pelo contrário: pode ser até um enorme bem!

Herodes ficou-se pelo medo do desconhecido. E vivia tão centrado em si que não se abriu à salvação que estava diante dele, que lhe era dada, tal como foi aos pastores e aos magos.

Mais adiante, tocaram-me as atitudes dos magos.

- A grande diferença foi precisamente ter o coração aberto. Os magos acolheram o incógnito e percorreram uma grande distância porque seguiram uma estrela, que não faziam a menor ideia onde os iria levar nem o que lhes iria revelar.

E acabaram por encontrar o próprio Deus!

- Deixaram-se surpreender por um Deus que certamente não conheciam: não eram judeus nem viviam naquela região. Aceitaram percorrer um caminho, longo e difícil, só porque viram uma estrela. Parece quase uma brincadeira ou um conto de fadas... Mas é a nossa condição de cristãos. Viver “*como se visse o invisível*” é aquilo a que qualquer crente é chamado (cf. Heb 11, 27).

- No meio da escuridão, foram capazes de vislumbrar uma estrela que lhes iluminasse o caminho. Os magos só poderiam avançar de noite, senão não conseguiriam ir seguindo a estrela.

E eu, como vivo as trevas da minha existência? Fixo os olhos no céu e procuro nele a estrela que me há de guiar?...

- Estes homens estavam atentos, tinham estado com atenção ao que se passava ao seu redor: “*Vimos a Sua estrela no Oriente*”. Aquela estrela seria igual a milhões de outras?... Talvez, mas foi nela que eles se fixaram e foi ela que os conduziu ao Presépio, esse lugar onde Deus Se vem encontrar com o Homem. Eles foram ao encontro de Deus, mas Deus já tinha vindo ao encontro deles. É assim sempre no nosso percurso de vida: podemos não nos dar conta, mas Deus está lá primeiro! “*E a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles*”.

- “*Ao ver a estrela, sentiram imensa alegria*”. Saber que Deus nos reorienta o caminho, todos os dias, que não vivemos ao acaso, que o nosso Deus é um “Deus conosco” (que é o que significa Emanuel, o outro nome de Jesus) e que percorre conosco as estradas largas ou as vielas tortuosas da nossa existência, só pode dar-nos paz, confiança e alegria. Ao verem de novo a estrela, depois de terem ido ao palácio de Herodes, os magos perceberam que tinham voltado a encontrar o caminho.

Finalmente, esta fantástica conclusão: *“E, entrando, viram o Menino com Maria, Sua Mãe”*! Que melhor encontro os podia esperar?... Tanta ternura... Que encontro nos esperará, um dia, na eternidade? Que encontro vivo eu já, no quotidiano, com Jesus e com Maria? É-me oferecido o mesmo encontro que foi proporcionado aos magos. Terei eu o coração aberto, o olhar atento e a capacidade de me deixar surpreender?

Os magos *“regressaram por outro caminho”*. E eu, mudo os meus planos, as minhas opções e os meus percursos, a maneira como vivo, porque encontrei Jesus?



Ser tocado pelo Espírito Santo

Is 42,1-4.6-7 «Diz o Senhor: “Eis o meu servo, a quem Eu protejo, o meu eleito, enlevo da minha alma.

Sl 28 (29) Sobre ele fiz repousar o meu espírito, para que leve a justiça às nações. Não gritará, nem

At 10,34-38 levantará a voz, nem se fará ouvir nas praças; não quebrará a cana fendida, nem apagará a

Mc 1,7-11 torcida que ainda fumeja: proclamará fielmente a justiça. Não desfalecerá nem desistirá, enquanto não estabelecer a justiça

na terra, a doutrina que as ilhas longínquas esperam. Fui Eu, o Senhor, que te chamei segundo a justiça; tomei-te pela mão, formei-te e fiz de ti a aliança do povo e a luz das nações, para abrires os olhos aos cegos, tirares do cárcere os prisioneiros e da prisão os que habitam nas trevas”»

(Is 42)

«Naquele tempo, João começou a pregar, dizendo: “Vai chegar depois de mim quem é mais forte do que eu, diante do qual eu não sou digno de me inclinar para desatar as correias das suas sandálias. Eu batizo na água, mas Ele batizar-vos-á no Espírito Santo”. Sucedeu que, naqueles dias, Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no rio Jordão. Ao subir da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito, como uma pomba, descer sobre ele. E dos céus ouviu-se uma voz: “Tu és o meu Filho muito amado, em Ti pus toda a minha complacência”»

(Mc 1)

Jesus veio ao mundo para nos dar o exemplo e guiar no caminho da Liberdade e da Salvação. Desde logo, e por essa razão, Jesus foi batizado por João no rio Jordão, tendo recebido o Espírito sobre Ele, e a quem Deus disse: *«Tu és o meu Filho muito amado, em Ti pus toda a minha complacência»*.

O mesmo sucedeu connosco, que fomos batizados no dia [... que cada um relembre o seu batismo, se possível através de fotografias ou do que lhe contaram, ou então, se for mais fácil, o seu Crisma...], tendo recebido o Espírito Santo sobre nós nesse dia. Desde esse dia, somos também Filhos de Deus muito amados a quem o Pai nos pede que, sentindo-nos sempre acompanhados e envolvidos no Espírito Santo e deixando-nos guiar por ele, nos convertamos diariamente e façamos as escolhas que nos aproximem de Deus e do caminho indicado pelo Espírito. *«O Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, Esse é que vos ensinará tudo, e há de recordar-vos tudo o que vos disse»* (Jo14, 26).

Como diz o Papa Francisco, *«o facto de nos encontrarmos neste mundo sem ser por nossa decisão faz-nos intuir que há uma iniciativa que nos antecede e faz existir. Cada um de nós é chamado a refletir sobre esta realidade: “Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo”»* (Papa Francisco, Exort. Ap. Evangelii gaudium 273) (Mensagem de Sua Santidade o Papa Francisco para o dia mundial das missões de 2018).

A vida de cada um é uma missão.

E qual a relevância do nosso batismo para a nossa missão? Pela fé, podemos encontrar o fundamento da nossa missão e a força para percorrer os nossos sonhos em concretização da mesma. O batismo e a identidade



fundamental como Filhos de Deus são o princípio que perdura e pode marcar todo o nosso caminho.

A verdade é que todas as nossas ações têm um impacto: aquilo que fazemos e que dizemos tem impacto nos outros; aquilo que omitimos e que silenciemos também tem impacto nos outros.

Ter consciência de que tudo o que fazemos tem ou pode ter impacto nos outros faz toda a diferença. Podemos estar a dar esperança, força, alegria, conforto aos outros, como, por vezes, mesmo sem notar, podemos contribuir para aumentar a sua dor, impedir alguém de falar sobre algo que a magoa ou faz sofrer, podemos estar a causar sofrimento ou amargura.

E se tudo o que fazemos e a forma como vivemos tem ou pode ter impacto nos outros, então podemos realmente ter um papel dinamizador e determinante para a mudança do mundo, da nossa vida, da nossa família, do nosso bairro, da nossa profissão, da nossa comunidade, do dia-a-dia de cada pessoa com que nos cruzamos ou mesmo na vida de muitos que não conhecemos...

E como podemos discernir qual é a nossa missão? Como podemos compreender qual o sentido maior da nossa vida? Para que existimos?

Em primeiro lugar, é fundamental parar mais vezes, fazer mais silêncio, abrir o coração (e menos a cabeça), rezar e deixarmo-nos guiar pelo Espírito para conseguirmos discernir antes de atuar ou ficar parado, antes de falar ou calar, antes de qualquer decisão importante na nossa vida ou de qualquer escolha pequena. Se vivermos com a consciência de que Deus está connosco, que é nosso Pai, que nos conhece e não nos falha, se abrirmos o coração com esta confiança de que é Ele que nos envia e orienta e deixarmo-nos tocar e transformar pelo Espírito, a pouco e pouco, por pequenos passos possíveis, vamos deixar-nos guiar pelo Espírito e a nossa vida muda, abrindo-se mais ao outro, à necessidade de

quem nos rodeia, ao bem comum, àquilo que às vezes o outro precisa mais do que nós e que, se lhe dermos, crescemos todos. E, de repente, podemos ver por vezes que o outro também se deixou tocar, que o outro também mudou de atitude, que também tocou noutro, e assim sucessivamente, e todas as peças começam a movimentar-se num sentido dinâmico e positivo. E é pelo contágio da entrega e da mudança positiva que nos vamos deixando transformar e que transformamos o mundo!

E o que a Palavra de hoje nos diz sobre como devemos identificar, acolher e viver a nossa missão, aquilo que é a Vontade de Deus para a nossa vida?

A primeira leitura é clara na resposta: o Senhor chama-nos a sermos servos protegidos por Ele, escolhidos para concretização da missão que tem para nós. Assim, o caminho é pelo serviço, e não pelo poder. E um serviço que não se impõe, mas que se oferece sem esperar nada em troca. Somos chamados a ser líderes através da entrega ao outro, a largarmos uma atitude de auto-preservação e egocentrismo para nos oferecermos aos outros como instrumentos de Deus. Como? Sem gritar, sem levantar a voz, sem se fazer ouvir ou ver nas praças, mas pela entrega silenciosa diária àquilo que escolhemos, com que nos comprometemos, àquilo que nos chama e nos pede ajuda, mesmo apesar das dificuldades e «vontades» de desistir, apesar das vezes que falhamos ou dos erros que cometemos, mesmo quando não nos reconhecem ou até criticam ou perseguem.

Deus diz-nos que Servo é aquele que persevera e se mantém fiel na sua missão, sem desistir ou desanimar e, se insiste nisto, é porque sabe que o mundo apelarà à desistência, que não será uma tarefa fácil e imediata, porque muitas vezes não conseguiremos ver e entender o quadro todo, mas só uma parte. E, também aí, Deus diz-nos: persevera, mantém-te firme e fiel à tua missão.

Por isso, na nossa vida do dia-a-dia que é o espaço e o tempo que temos para cumprir a nossa missão – na nossa família, com marido e filhos, com os pais, sogros e avós –, na nossa profissão com os chefes e com os subordinados ou aqueles que dependem mais de nós, na sociedade em geral com os nossos amigos e também com as pessoas com quem nos cruzamos e com os desconhecidos –, abracemos a vontade do Pai e escolhamos sempre ser aliança entre nós e os outros, ainda que haja pontos de vista e formas de ser muito diferentes (nessas situações, como discordar e avançar, mas como nos mantemos aliados?), bem como luz para os cegos, quando nós ou os outros não estamos a conseguir ver, a focar o essencial porque ofuscados com o acessório, e ainda caminho de liberdade para nós e para os outros, através de escolhas que não estão presas a preconceitos, a ideias conformadas e desistentes, a falsas seguranças que aparentemente nos trazem «mais estabilidade» ou «menos risco», a posições só porque são mais confortáveis ou mais protetoras do nosso interesse em detrimento do interesse dos outros, enfim a tudo aquilo que não nos permite uma escolha discernida, fundamentada no amor de Deus e guiada pelo Espírito e, por isso, livre.

A fidelidade implica oração, silêncio e espaço, para nos deixarmos guiar e transformar pelo Espírito, a vivência dos sacramentos, como a Eucaristia, o perdão, o casamento, o sacerdócio, etc., trazer para a nossa vida – com criatividade – o que é dito e pedido na Palavra de Deus (o que Jesus nos diria ou faria nesta situação? Nesta conversa no escritório? Nesta discussão entre pais e filhos em casa? Quando alguém discorda de mim ou me critica justa ou injustamente? Quando alguém diz que gosta de mim?) e ainda acolher a nossa missão com muita simplicidade e humildade.

Lembremo-nos que somos batizados, Filhos de Deus muito amados e que, como tal, Deus nos enviou para vivermos a Sua e nossa – de cada um, em especial – missão.

Um coração Ligado

Cada pequena tarefa da vida quotidiana faz parte da harmonia total do universo (Santa Teresa de Lisieux)

O Hinduísmo ensina-nos que tudo, na criação, provém da fratura do Ovo divino. Todos nós somos, portanto, fragmentos do Divino, tendo uma relação com tudo o resto, na vida.

Não existem atos isolados. Não é verdade que nada daquilo que eu faço interessa, que eu sou impotente, que eu não tenho nada a ver com as coisas grandes da vida. Sem as coisas pequenas, as coisas grandes da vida fracassam: tal como o casamento, a paz no mundo ou o ecossistema.

Aquilo que nós próprios não fazemos bem talvez não possa ser feito por mais ninguém. É por isso que tudo o que nós fazemos – lavar a loiça, cuidar de crianças, distribuir alimentos, visitar os idosos ajudar um colega de trabalho, oferecer um presente – é tão importante.

Ninguém pode ser «neutro»: ou somos a favor de alguma coisa, e por isso a promovemos; ou somos contra alguma coisa, e lhe resistimos. Até mesmo não fazer nada é fazer alguma coisa.

Com o nosso silêncio ou promovemos, precisamente, aquilo em relação ao qual nos declaramos neutro, ou lhe levantamos obstáculos.

A harmonia não é uma questão de nos recusarmos a participar, recusando-nos assim a desempenhar o nosso papel no mundo. É uma questão de fazermos tudo o que pudermos para tornar o mundo saudável. Nós não somos mundos só para nós, peças indivisíveis em órbita à nossa volta umas das outras. E, no entanto, cada pessoa com quem nos cruzamos num corredor, de uma forma ou de outra, é afetada por nós. Ou poluímos ou perfumamos o ambiente. Não há outra alternativa.

Quando vemos que tudo está ligado, vemos o objetivo da vida. Da nossa vida e da vida de todos os outros.

parte III

Na terceira parte deste caderno encontramos três documentos que têm em comum a vontade de nos deixarmos transformar pela fé e a confiança de que podemos transformar o mundo.

Os dois primeiros, do Papa Francisco, centralizam-nos no desafio evangelizador, em que é dado um papel primordial aos jovens. Pela primeira vez um Papa convoca um sínodo em que são convidados a integrar os trabalhos 30 jovens, bem como a pessoas de outras confissões.



Mas o que é um sínodo? De acordo com o dicionário é uma “assembleia religiosa com o propósito de caminhar juntos”.

Com este propósito, e com muita coragem e humildade, há um reconhecimento de muitos problemas que existem na Igreja, mas há um sentimento de exaltação da juventude, de aceitação das diferenças, um pedido de compreensão aos jovens pelas vezes em que a Igreja erra. Os jovens, na sua complexidade, mas na também na sua coragem e capacidade de acreditar, são colocados como tema central deste Sínodo.

Na declaração final, o Papa dirigiu-se aos jovens nestes termos: *“Queremos que escuteis uma palavra nossa: desejamos ser colaboradores da vossa alegria, para que as vossas expectativas se transformem em ideais. Temos a certeza de que, com a vossa vontade de viver, estais prontos a empenhar-vos para que os vossos sonhos tomem forma na vossa existência e na história humana”*. (Consultar a página www.synod2018.va com toda a informação do Sínodo).

No terceiro texto, de Jaime Bonet, fundador da Verbum Dei, também dirigido aos jovens, existe uma proposta radical que está presente neste caderno: que nos deixemos moldar e guiar toda a nossa vida pelo exemplo de Cristo. É este exemplo e a forma como moldamos a nossa vida que nos garante a capacidade de influenciar os que nos rodeiam. É o verdadeiro anúncio do Evangelho.

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE O PAPA FRANCISCO
PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2018
[21 de outubro de 2018]

«Juntamente com os jovens, levemos o
Evangelho a todos»

Queridos jovens, juntamente convosco desejo refletir sobre a missão que Jesus nos confiou. Apesar de me dirigir a vós, pretendo incluir todos os cristãos, que vivem na Igreja a aventura da sua existência como filhos de Deus. O que me impele a falar a todos, dialogando convosco, é a certeza de que a fé cristã permanece sempre jovem, quando se abre à missão que Cristo nos confia. «A missão revigora a fé» (Carta enc. *Redemptoris missio*, 2): escrevia São João Paulo II, um Papa que tanto amava os jovens e, a eles, muito se dedicou.

O Sínodo que celebraremos em Roma no próximo mês de outubro, mês missionário, dá-nos oportunidade de entender melhor, à luz da fé, aquilo que o Senhor Jesus vos quer dizer a vós, jovens, e, através de vós, às comunidades cristãs.

A vida é uma missão

Todo o homem e mulher é uma missão, e esta é a razão pela qual se encontra a viver na terra. Ser *atraídos* e ser *enviados* são os dois movimentos que o nosso coração, sobretudo quando é jovem em idade, sente como forças interiores do amor que prometem futuro e impelem a nossa existência para a frente. Ninguém, como os jovens, sente quanto irrompe a vida e atrai. Viver com alegria a própria responsabilidade pelo mundo é um grande desafio. Conheço bem as luzes e as sombras de ser jovem e, se penso na minha juventude e na minha família, recordo a intensidade da

esperança por um futuro melhor. O facto de nos encontrarmos neste mundo sem ser por nossa decisão faz-nos intuir que há uma iniciativa que nos antecede e faz existir. Cada um de nós é chamado a refletir sobre esta realidade: «Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo» (Papa Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 273).

Anunciamo-vos Jesus Cristo

A Igreja, ao anunciar aquilo que gratuitamente recebeu (cf. Mt 10, 8; At 3, 6), pode partilhar convosco, queridos jovens, o caminho e a verdade que conduzem ao sentido do viver nesta terra. Jesus Cristo, morto e ressuscitado por nós, oferece-Se à nossa liberdade e desafia-a a procurar, descobrir e anunciar este sentido verdadeiro e pleno. Queridos jovens, não tenhais medo de Cristo e da sua Igreja! Neles, está o tesouro que enche a vida de alegria. Digo-vos isto por experiência: graças à fé, encontrei o fundamento dos meus sonhos e a força para os realizar. Vi muitos sofrimentos, muita pobreza desfigurar o rosto de tantos irmãos e irmãs. E todavia, para quem está com Jesus, o mal é um desafio a amar cada vez mais. Muitos homens e mulheres, muitos jovens entregaram-se generosamente, às vezes até ao martírio, por amor do Evangelho ao serviço dos irmãos. A partir da cruz de Jesus, aprendemos a lógica divina da oferta de nós mesmos (cf. 1 Cor 1, 17-25) como anúncio do Evangelho para a vida do mundo (cf. Jo 3, 16). Ser inflamados pelo amor de Cristo consome quem arde e faz crescer, ilumina e aquece a quem se ama (cf. 2 Cor 5, 14). Na escola dos santos, que nos abrem para os vastos horizontes de Deus, convido-vos a perguntar a vós mesmos em cada circunstância: «Que faria Cristo no meu lugar?»

Transmitir a fé até aos últimos confins da terra

Pelo Batismo, também vós, jovens, sois membros vivos da Igreja e, juntos, temos a missão de levar o Evangelho a todos. Estais a

desabrochar para a vida. Crescer na graça da fé, que nos foi transmitida pelos sacramentos da Igreja, integra-nos num fluxo de gerações de testemunhas, onde a sabedoria daqueles que têm experiência se torna testemunho e encorajamento para quem se abre ao futuro. E, por sua vez, a novidade dos jovens torna-se apoio e esperança para aqueles que estão próximo da meta do seu caminho. Na convivência das várias idades da vida, a missão da Igreja constrói pontes intergeracionais, nas quais a fé em Deus e o amor ao próximo constituem fatores de profunda união.

Por isso, esta transmissão da fé, coração da missão da Igreja, verifica-se através do «contágio» do amor, onde a alegria e o entusiasmo expressam o sentido reencontrado e a plenitude da vida. A propagação da fé por atração requer corações abertos, dilatados pelo amor. Ao amor, não se pode colocar limites: forte como a morte é o amor (cf. Ct 8, 6). E tal expansão gera o encontro, o testemunho, o anúncio; gera a partilha na caridade com todos aqueles que, longe da fé, se mostram indiferentes e, às vezes, impugnadores e contrários à mesma. Ambientes humanos, culturais e religiosos ainda alheios ao Evangelho de Jesus e à presença sacramental da Igreja constituem as periferias extremas, os «últimos confins da terra», aos quais, desde a Páscoa de Jesus, são enviados os seus discípulos missionários, na certeza de terem sempre com eles o seu Senhor (cf. Mt 28, 20; At 1, 8). Nisto consiste o que designamos por *missio ad gentes*. A periferia mais desolada da humanidade carente de Cristo é a indiferença à fé ou mesmo o ódio contra a plenitude divina da vida. Toda a pobreza material e espiritual, toda a discriminação de irmãos e irmãs é sempre consequência da recusa de Deus e do seu amor.

Hoje para vós, queridos jovens, os últimos confins da terra são muito relativos e sempre facilmente «navegáveis». O mundo digital, as redes sociais, que nos envolvem e entrecruzam, diluem fronteiras, cancelam margens e distâncias, reduzem as diferenças.

Tudo parece estar ao alcance da mão: tudo tão próximo e imediato... E todavia, sem o dom que inclua as nossas vidas, poderemos ter miríades de contactos, mas nunca estaremos imersos numa verdadeira comunhão de vida. A missão até aos últimos confins da terra requer o dom de nós próprios na vocação que nos foi dada por Aquele que nos colocou nesta terra (cf. Lc 9, 23-25). Atrevo-me a dizer que, para um jovem que quer seguir Cristo, o essencial é a busca e a adesão à sua vocação.

Testemunhar o amor

Agradeço a todas as realidades eclesiais que vos permitem encontrar, pessoalmente, Cristo vivo na sua Igreja: as paróquias, as associações, os movimentos, as comunidades religiosas, as mais variadas expressões de serviço missionário. Muitos jovens encontram, no voluntariado missionário, uma forma para servir os «mais pequenos» (cf. Mt 25, 40), promovendo a dignidade humana e testemunhando a alegria de amar e ser cristão. Estas experiências eclesiais fazem com que a formação de cada um não seja apenas preparação para o seu bom-êxito profissional, mas desenvolva e cuide um dom do Senhor para melhor servir aos outros. Estas louváveis formas de serviço missionário temporâneo são um começo fecundo e, no discernimento vocacional, podem ajudar-vos a decidir pelo dom total de vós mesmos como missionários.

De corações jovens, nasceram as Pontifícias Obras Missionárias, para apoiar o anúncio do Evangelho a todos os povos, contribuindo para o crescimento humano e cultural de muitas populações sedentas de Verdade. As orações e as ajudas materiais, que generosamente são dadas e distribuídas através das POMs, ajudam a Santa Sé a garantir que, quantos recebem ajuda para as suas necessidades, possam, por sua vez, ser capazes de dar testemunho no próprio ambiente. Ninguém é tão pobre que não possa dar o que tem e, ainda antes, o que é. Apraz-me repetir a exortação que dirigi aos jovens chilenos: «Nunca penses que não tens nada para

dar, ou que não precisas de ninguém. Muita gente precisa de ti. Pensa nisso! Cada um de vós pense nisto no seu coração: muita gente precisa de mim» (*Encontro com os jovens*, Santiago – Santuário de Maipú, 17/1/2018).

Queridos jovens, o próximo mês missionário de outubro, em que terá lugar o Sínodo a vós dedicado, será mais uma oportunidade para vos tornardes discípulos missionários cada vez mais apaixonados por Jesus e pela sua missão até aos últimos confins da terra. A Maria, Rainha dos Apóstolos, ao Santos Francisco Xavier e Teresa do Menino Jesus, ao Beato Paulo Manna, peço que intercedam por todos nós e sempre nos acompanhem.

Vaticano, 20 de maio – Solenidade de Pentecostes – de 2018.

FRANCISCO



ABERTURA DA XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO NA ABERTURA DO SÍNODO

Auditório do Sínodo

Quarta-feira, 3 de outubro de 2018

*Prezadas Beatitudes, Eminências, Excelências,
Amados irmãos e irmãs,
Queridos jovens!*

Ao entrar neste Auditório para falar dos jovens, já se sente a força da sua presença, que exala positividade e entusiasmo capazes de invadir e alegrar não só este Auditório, mas toda a Igreja e o mundo inteiro.

Por isso mesmo, *não posso começar sem vos dizer obrigado!* Obrigado a vós que estais presentes; obrigado a tantas pessoas, que ao longo dum caminho de preparação de dois anos – aqui na Igreja de Roma e em todas as Igrejas do mundo –, trabalharam com dedicação e paixão para nos fazer chegar a este momento. De coração, obrigado ao Cardeal Lorenzo Baldisseri, Secretário Geral do Sínodo, aos Presidentes Delegados, ao Cardeal Sérgio da Rocha, Relator Geral; ao Bispo D. Fabio Fabene, Subsecretário, aos Oficiais da Secretaria Geral e aos Assistentes; obrigado a todos vós, Padres sinodais, Auditores, Auditoras, peritos e consultores; aos Delegados Fraternos; aos tradutores, aos cantores, aos jornalistas. De coração, obrigado a todos pela vossa participação ativa e fecunda.

Um sentido obrigado merecem os dois Secretários Especiais, o padre jesuíta Giacomo Costa, e o padre salesiano Rossano Sala, que trabalharam com generoso empenho e abnegação. Jogaram a pele, na preparação!

Desejo também agradecer vivamente aos jovens que neste

momento estão conectados connosco e a todos os jovens que fizeram ouvir, de muitos modos, a sua voz. Agradeço-lhes por terem querido apostar que vale a pena sentir-se parte da Igreja ou entrar em diálogo com ela; vale a pena ter a Igreja como mãe, como mestra, como casa, como família, capaz – não obstante as fraquezas humanas e as dificuldades – de fazer resplandecer e transmitir a mensagem sem ocaso de Cristo; vale a pena agarrar-se à barca da Igreja que, mesmo através das tempestades implacáveis do mundo, continua a oferecer a todos refúgio e hospitalidade; vale a pena colocar-se à escuta uns dos outros; vale a pena nadar contracorrente e aderir a valores altos, como a família, a fidelidade, o amor, a fé, o sacrifício, o serviço, a vida eterna.

A nossa responsabilidade aqui, no Sínodo, é não os desmentir; antes, é demonstrar que têm razão em apostar: verdadeiramente vale a pena, verdadeiramente não é tempo perdido!

E, de modo particular, agradeço a vós, queridos jovens presentes! O caminho de preparação para o Sínodo ensinou-nos que o universo juvenil é tão variado que não pode estar aqui totalmente representado, mas vós sois seguramente um sinal importante daquele. A vossa participação enche-nos de alegria e esperança.

O Sínodo que estamos a viver é um momento de partilha. Assim, no início do percurso da Assembleia sinodal, a todos desejo convidar a falarem com coragem e *parresia*, isto é, aliando *liberdade, verdade e caridade*. Só o diálogo nos pode fazer crescer. Uma crítica honesta e transparente é construtiva e ajuda, ao contrário das bisbilhotices inúteis, das murmurações, das ilações ou dos preconceitos.

E à coragem de falar deve corresponder a humildade de escutar. Como dizia aos jovens na Reunião Pré-sinodal, «se [alguém] falar de algo que não gosto, ainda o devo ouvir melhor; pois cada um tem o direito de ser ouvido, como cada um tem o direito de falar». Esta escuta aberta requer coragem para tomar a palavra e fazer-se voz

de tantos jovens no mundo que não estão presentes. É esta escuta que abre espaço ao diálogo. *O Sínodo deve ser um exercício de diálogo, antes de mais nada entre os que participam nele.* E o primeiro fruto deste diálogo é cada um abrir-se à novidade, estar pronto a mudar a sua opinião face àquilo que ouviu dos outros. Isto é importante para o Sínodo. Muitos de vós já prepararam, antes de vir, a sua intervenção – e agradeço-vos por este trabalho –, mas convido a sentir-vos livres para considerar aquilo que preparastes como um projeto provisório aberto a eventuais acréscimos e alterações que o caminho sinodal possa sugerir a cada um. Sintamo-nos livres para aceitar e compreender os outros e, consequentemente, para mudar as nossas convicções e posições: é sinal de grande maturidade humana e espiritual.

O Sínodo é um exercício eclesial de discernimento. Franqueza no falar e abertura na escuta são fundamentais para que o Sínodo seja um processo de discernimento. O discernimento não é um slôgane publicitário, não é uma técnica organizativa, nem uma moda deste pontificado, mas um *procedimento interior* que se enraíza num *ato de fé*. O discernimento é o método e, simultaneamente, o objetivo que nos propomos: baseia-se na convicção de que Deus atua na história do mundo, nos acontecimentos da vida, nas pessoas que encontro e me falam. Por isso, somos chamados a colocar-nos à escuta daquilo que nos sugere o Espírito, segundo modalidades e direções muitas vezes imprevisíveis. O discernimento precisa de espaços e tempos próprios. Por isso estabeleço que, durante os trabalhos tanto na assembleia plenária como nos grupos, depois de cada cinco intervenções se observe um tempo de silêncio – cerca de três minutos – para permitir que cada um preste atenção às ressonâncias que as coisas ouvidas suscitam no seu coração, para aprofundar e apreender o que mais o impressiona. Esta atenção à interioridade é a chave para se efetuar o percurso reconhecer, interpretar e escolher.

Sejamos sinal duma Igreja à escuta e em caminho. A atitude de escuta não se pode limitar às palavras que trocaremos entre nós nos trabalhos sinodais. O caminho de preparação para este momento destacou uma Igreja «*com deficit de escuta*» inclusive para com os jovens, que muitas vezes se sentem não-compreendidos pela Igreja na sua originalidade e, por conseguinte, não aceites pelo que são verdadeiramente e, às vezes, até rejeitados. Este Sínodo possui a ocasião, a tarefa e o dever de ser sinal da Igreja que se coloca verdadeiramente à escuta, que se deixa interpelar pelas solicitações daqueles que encontra, que não tem uma resposta pré-confecionada sempre pronta. Uma Igreja que não escuta mostra-se fechada à novidade, fechada às surpresas de Deus, e não poderá ser credível, especialmente para os jovens, os quais, em vez de se aproximar, afastar-se-ão inevitavelmente.

Deixemos para trás preconceitos e estereótipos. Um primeiro passo rumo à escuta é libertar as nossas mentes e os nossos corações de preconceitos e estereótipos: quando pensamos já saber quem é o outro e o que quer, então teremos verdadeiramente dificuldade em escutá-lo seriamente. As relações entre as gerações são um terreno onde preconceitos e estereótipos pegam com facilidade proverbial, a ponto de muitas vezes nem nos darmos conta disso. Os jovens são tentados a considerar ultrapassados os adultos; os adultos são tentados a julgar os jovens inexperientes, a saber como são e sobretudo como deveriam ser e comportar-se. Tudo isto pode constituir um forte obstáculo ao diálogo e ao encontro entre as gerações. A maioria dos presentes não pertence à geração dos jovens, pelo que devemos claramente ter cuidado sobretudo com o risco de falar dos jovens a partir de categorias e esquemas mentais já superados. Se soubermos evitar este risco, então contribuiremos para tornar possível uma aliança entre gerações. Os adultos deveriam superar a tentação de subestimar as capacidades dos jovens e de os julgar negativamente. Uma vez li que a primeira menção deste facto remonta a 3000 a.C., tendo sido encontrada

num vaso de barro da antiga Babilónia, onde está escrito que a juventude é imoral e que os jovens não são capazes de salvar a cultura do povo. É velha tradição nossa, dos idosos! Por sua vez, os jovens deveriam superar a tentação de não prestar ouvidos aos adultos e considerar os idosos «coisa antiga, passada e chata», esquecendo-se que é insensato querer partir sempre do zero, como se a vida comesse apenas com cada um deles. Na realidade, apesar da sua fragilidade física, os idosos permanecem sempre a memória da nossa humanidade, as raízes da nossa sociedade, o «pulso» da nossa civilização. Desprezá-los, abandoná-los, fechá-los em reservas isoladas ou então ignorá-los é índice de cedência à mentalidade do mundo que está a devorar as nossas casas a partir de dentro. Negligenciar o tesouro de experiências que cada geração herda e transmite à outra é um ato de autodestruição.

Por conseguinte, *é preciso, por um lado, superar decididamente o flagelo do clericalismo*. De facto, a escuta e o abandono dos estereótipos são também um forte antídoto contra o risco do clericalismo, ao qual uma assembleia como esta, independentemente das boas intenções de cada um de nós, está inevitavelmente exposta. O clericalismo nasce duma visão elitista e excludente da vocação, que interpreta o ministério recebido mais como um *poder* a ser exercido do que como um *serviço* gratuito e generoso a oferecer; e isto leva a julgar que se pertence a um grupo que possui todas as respostas e já não precisa de escutar e aprender mais nada, ou então finge escutar. *O clericalismo é uma perversão e é raiz de muitos males na Igreja*: destes devemos pedir humildemente perdão e sobretudo criar as condições para que não se repitam.

Mas, por outro lado, *é preciso curar o vírus da autossuficiência* e das conclusões precipitadas de muitos jovens. Diz um provérbio egípcio: «Se não houver um idoso na tua casa, compra-o, porque ser-te-á de proveito». Repudiar e rejeitar tudo o que foi transmitido

ao longo dos séculos leva apenas àquele perigoso extravio que está, infelizmente, a ameaçar a nossa humanidade; leva ao estado de desilusão que invadiu os corações de gerações inteiras. A acumulação das experiências humanas ao longo da história é o tesouro mais precioso e fiável que as gerações herdaram uma da outra; sem nunca esquecer a revelação divina, que ilumina e dá sentido à história e à nossa existência.

Irmãos e irmãs, *que o Sínodo desperte os nossos corações!* O momento presente, mesmo da Igreja, aparece carregado de canseiras, problemas, pesos. Mas a fé diz-nos que é também o *kairos* no qual o Senhor vem ao nosso encontro para nos amar e chamar à plenitude da vida. O futuro não constitui uma ameaça que devemos temer, mas é o tempo que o Senhor nos promete para podermos experimentar a comunhão com Ele, com os irmãos e com toda a criação. Precisamos de reencontrar as razões da nossa esperança e sobretudo de as transmitir aos jovens, que estão sedentos de esperança. Como justamente afirmava o Concílio Vaticano II, «podemos legitimamente pensar que o destino futuro da humanidade está nas mãos daqueles que souberem dar às gerações vindouras razões de viver e de esperar» (Const. past. *Gaudium et spes*, 31).

O encontro entre as gerações pode ser extremamente fecundo para gerar esperança. Assim no-lo ensina o profeta Joel naquela que considero – lembrei-o também aos jovens da Reunião Pré-sinodal – ser *a profecia dos nossos tempos*: «Os vossos anciãos terão sonhos e os vossos jovens terão visões» (3, 1) e profetizarão.

Não há necessidade de sofisticados raciocínios teológicos para demonstrar o nosso dever de ajudar o mundo atual a caminhar para o reino de Deus, sem falsas esperanças e sem ver apenas ruínas e problemas. De facto São João XXIII, referindo-se a pessoas que avaliam os factos sem objetividade suficiente nem prudente

discernimento, afirmava: «Nos tempos atuais, não veem senão prevaricações e ruínas; vão repetindo que a nossa época, em comparação com as passadas, tem piorado; e comportam-se como quem nada aprendeu da história, que é também mestra da vida» (*Discurso na abertura solene do Concílio Vaticano II*, 11 de outubro de 1962).

Assim, não nos deixemos tentar pelas «profecias de desgraças», não gastemos energias a «contabilizar falências e recordar amarguras», mantenhamos o olhar fixo no bem que «muitas vezes não faz barulho, não é tema dos blogues nem chega às primeiras páginas» dos jornais, nem nos assustemos «diante das feridas da carne de Cristo, sempre infligidas pelo pecado e, não raramente, pelos filhos da Igreja» (cf. Discurso aos Bispos recentemente nomeados que participaram no curso promovido pelas Congregações para os Bispos e para as Igrejas Orientais, 14 de setembro de 2018).

Esforcemo-nos, pois, por procurar «frequentar o futuro» e por fazer sair deste Sínodo não só um documento – que geralmente é lido por poucos e criticado por muitos – mas sobretudo propósitos pastorais concretos, capazes de realizar a tarefa do próprio Sínodo, que é *fazer germinar sonhos, suscitar profecias e visões, fazer florescer a esperança, estimular confiança, faixar feridas, entrançar relações, ressuscitar uma aurora de esperança, aprender um do outro, e criar um imaginário positivo* que ilumine as mentes, aqueça os corações, restitua força às mãos e inspire aos jovens – a todos os jovens, sem excluir nenhum – a visão dum futuro repleto da alegria do Evangelho. Obrigado!

Assim será a tua descendência Jaime Bonet

Tema 13 – A projeção da nossa fé Quarta-feira, 19/08/1981

1. *No final deste dia de oração, proponho fazer um resumo do caminho, vendo como mostrar ao mundo a nossa fé.*

2. *Tenho pensado como podemos mostrar ao mundo, com mais eficácia evangélica, a fé que vivemos. Partilho convosco a minha maneira de ver a projeção da nossa fé.*

Convince-me mais uma expressão comunitária, do tipo “aldeia”, do que pequenos grupos isolados. Um ambiente mais marcado de fé nas nossas comunidades. Que se veja mais realização, alegria, felicidade, vindas de Deus. Que cada pessoa tenha o seu ponto de partida de realização em Cristo e o seu coração bem centrado n’Ele. Que procure uma estrutura de vida, não só para os tempos de Exercícios, mas para a vida. Que tudo - os horários, o vestuário, a comida, etc. – se faça em função deste seguimento de Jesus. Que o meu objetivo seja conseguir que Ele seja o que é mais agradável, atrativo e delicioso. Garantir a vida de Deus, a vitalidade. Só assim a crosta das minhas feridas sairá, sem violência, e serei curado a partir o interior. Dar um testemunho perante o mundo de que me basta Deus. Expressar a interioridade e a entrega que queremos viver.

3. *O ideal de uma vida santa é apenas um: ser Cristo. Se isto te interessa, começa a aventurar-te numa escalada sem paragens. É uma alegria muito grande chegar à meta.*

4. *A resposta ao amor de Jesus é pôr à disposição os meios. Que meios? Para além dos indicados na hora do exame de*

consciência, há uma grande franja que é voluntária, que depende da generosidade de cada um. Depende, sim, de agires de acordo com os teus talentos, ires descobrindo as tuas faculdades e necessidades, e dares o máximo, sem inseguranças. Cada um, apenas a partir do que é e de tudo o que é, tendo em conta que os talentos se multiplicarão na proporção geométrica da medida em que sejam trabalhados.

5. Aquele que consegue centrar e organizar todo o seu ser na relação com Jesus terá um raio de influência imenso. A minha vida deve organizar-se de forma revolucionária em função de Jesus, não em função de uma influência socia; se assim for, Ele fará uma revolução em mim, e, através de mim, em muitos outros.

6. Quem ama, vive uma escala de valores perfeita. Basta ver a mudança de uma rapariga, jovem e caprichosa em solteira que, ao casar-se e ter filhos, já não faz nada do que fazia e a atraía. Os luxos, a moda, as viagens, a preguiça, o cinema, as diversões, onde ficaram? Sofre por ter deixado tudo isso? Não! Ama e basta! O amor conduz a ação da pessoa.

7. É muito importante viver a fé, porque só posso aconselhar a partir daquilo que vivo. Trata-se de viver uma entrega, não às coisas mas a Cristo. Como é a tua vida com Cristo? Entendem-se? Estão unidos?

Pedi isto à Virgem: organizar a vida em função de Jesus; dispor-me a conciliar projeção e realização, e convencer-me de que o que me ajuda e é bom para mim tem de poder sê-lo para todos os outros membros de Cristo.

BONET, Jaime (autor); FORNARI, Isabel (dir.) - Así será tu descendência. Oración, vida y predicación. Loeches: Fraternidad Misionaria Verbum Dei, Editorial El Reino, 2017, pp. 94-96.



*Quisiera, Señor,
ser hoy una espiga
de Ti muy amiga,
trillada y molida,
mi Dios labrador.*

*Quisiera ser hoy
puñado de harina,
de harina la flor
en Ti convertida
en Hostia de Amor.*

*Quisiera, Señor,
ser de uvas racimo
pisado, exprimido,
mi Dios viñador.*

*Quisiera ser Pan,
quisiera ser Vino
y darme Contigo
y a todos servido
en tu mismo Amor.
Señor, que te siga.
(...)*

*Quisiera, Señor,
Contigo ser Uno,
unir los hermanos,
ser cuerda y ser nudo
y hacer de mis manos
tus lazos de Amor.*

*Eu gostaria, Senhor,
de ser hoje uma espiga
de Ti, muito amiga,
trilhada e moída
meu Deus lavrador.*

*Eu gostaria de ser hoje
um punhado de farinha,
de farinha a flor
em Ti convertida
em Hóstia de Amor.*

*Eu gostaria, Senhor,
ser um cacho de uvas
pisado, espremido,
meu Deus agricultor.*

*Eu gostaria de ser Pão,
gostaria de ser Vinho
e dar-me Contigo
e a todos servir
no Teu mesmo amor.
Senhor, eu sigo-Te.
(...)*

*Eu gostaria, Senhor,
de ser Um Contigo,
unir os irmãos,
ser corda e ser nó
e fazer de minhas mãos
Teus laços de Amor.*

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei Lisboa

Dezembro

4 a 6		Retiro Online – Advento
5	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
9	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
14 a 16	<i>(local a confirmar)</i>	Encontro de Natal dos Jovens
16	<i>Paróquia C. Grande</i>	Missa de Natal da FaMVD Lisboa – 19h15
31	<i>Casa da Palavra</i>	Oração Final de Ano – 16h30

Janeiro

6	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
9	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
15	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
19	<i>Paróquia C. Grande</i>	Missa Aniversário Verbum Dei – 17h
20	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
24	<i>Casa da Palavra</i>	Conselho Apostólico Representativo – 21h
25 a 27	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Fevereiro

1	<i>Casa da Palavra</i>	Núcleo NFVD – 21h
1 a 3	<i>Vale de Lobos</i>	CPM – 21h
3	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
13	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
16	<i>Vale de Lobos</i>	Encontro de Namorados e Famílias VD – 10h/17h
16	<i>Casa da Palavra</i>	Missa da Comunidade – 18h
17	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
19	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
21	<i>Casa da Palavra</i>	Serão de Responsáveis de RVA – 21h
22 a 24	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei Lisboa

Março

3	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
12	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
16	<i>Casa da Palavra</i>	Missa da Comunidade – 18h
17	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
19 a 21		Retiro Online – Quaresma
21	<i>Casa da Palavra</i>	Serão de Revisões e Aprofundamentos – 21h
26	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
29 a 31	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
31	<i>Paróquia C. Grande</i>	Feira da Primavera
31	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h

Abril

3	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
6	<i>Casa da Palavra</i>	Conselho Apostólico Representativo – 10h
6	<i>Casa da Palavra</i>	Missa da Comunidade – 18h
13 a 17		Peregrinação de Jovens a Fátima
14	<i>Casa da Palavra</i>	Pára, Escuta e Reza – 21h
18 a 20	<i>Vale de Lobos</i>	Páscoa em Oração
18 a 20	<i>Paróquia C. Grande</i>	Páscoa Fraterna
25 a 28		Peregrinação de Adultos, Fátima

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _da oração;
- _do ministério da Palavra;
- _do testemunho de vida evangélica.



Centro de Evangelização Vale de Lobos
Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do
Bispo
GPS N 38° 49' 15"; W 9° 17' 25"
Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra
Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa
Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei
lisboa.verbumdei.org | contacto@lisboa.verbumdei.org | Tel. Lisboa
- 21 795 0957

cadernodeoracaovd@gmail.com